

A agulha e a linha

Adaptação de Pedro Bandeira do conto “Um apólogo”, de Machado de Assis

Era uma vez, dentro da caixinha da costureira de uma baronesa, uma agulha que disse à linha de um novelo:

– Por que você está com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

– Deixe-me, senhora.

– Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insupportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

– Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

– Puxa, como você é orgulhosa!

– Decerto que sou.

– Mas por quê?

– É boa! Por que costuro. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os costura, senão eu?

– Você? Essa agora é melhor. Você que os costura? Você ignora que quem os costura sou eu, e muito eu?

– Você fura o pano, nada mais. Eu é que costuro, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

– Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

– Também os batedores vão adiante do imperador.

– Você, imperador?

– Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante. Vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisso, quando a costureira da baronesa pegou o pano, pegou a agulha, pegou a linha, enfiou a linha na agulha e entrou a costurar. Entre os dedos da costureira,

uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas. E dizia a agulha:

– Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que essa distinta costureira só se importa comigo? Eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada. Ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura. Não se ouvia mais que o plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira terminou o trabalho.

Veio a noite e, enquanto a baronesa vestia-se para o baile, a linha, para caçoar da agulha, perguntou-lhe:

– Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada. Mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

– Ande, aprende, tola. Cansaste de abrir caminho para ela e ela é que vai gozar a vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei essa história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

– Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!